

A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO NEGRO A PARTIR DO CONTO “NEGRINHA” DE MONTEIRO LOBATO.

Vanessa Monteiro Lucena*

Este artigo tem como propósito apresentar um dos aspectos da minha monografia intitulada “*A imagem do negro no conto “Negrinha” de Monteiro Lobato*”, que procura analisar algumas das formas utilizadas para uma suposta integração racial no Brasil na década de 20, época esta em que se buscava a construção da identidade nacional. Tomando como base o texto de Lilia Moritz Schwarcz (2004) – “*Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade*”, mostraremos a idéia de uma raça negra, mulata estereotipada, como também, a idéia de uma suposta “harmonia racial” existente no Brasil. Desse modo, a presente pesquisa não tem o objetivo de encerrar uma análise sobre a questão racial no Brasil Republicano, pois seria equivocado tentar determinar um resultado final para uma questão tão complexa, digna de análises e discussões. Pretendemos levá-la adiante, numa tentativa de enriquecer nosso conhecimento acerca da questão racial. Assim, esta pesquisa busca olhar com atenção os argumentos utilizados pelos republicanos na composição de uma nova roupagem para o Brasil observando seus significados diante da sociedade da época. O instrumento de análise para esta pesquisa baseia-se na teoria de Michel Foucault sobre o discurso, a qual nos possibilita observar as verdades que esses discursos foram e são capazes de construir.

Michel Foucault em sua obra intitulada “*A Ordem do Discurso*”, consegue desvendar a relação entre práticas discursivas e os poderes que as cercam. Para ele, a produção desses discursos é controlada, selecionada e organizada:

[...] suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.(FOUCAULT, 2006, P.8-9).

Segundo o autor, a produção destes discursos esta submetida a procedimentos que podem ser identificados por princípios exteriores de controle e delimitação do discurso, como o de exclusão, através do (primeiro) princípio da interdição, onde “*não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa*” (FOUCAULT, 2006, p.). Percebe-se assim, que esta

* Graduada pela Universidade Estadual da Paraíba.

exclusão determina um discurso que de qualquer maneira nos encaminha para um procedimento onde não é permitido dizer ou falar de tudo em toda situação e que por mais que, aparentemente, o discurso se apresente como “*bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder*”, (FOUCAULT, 2006, p) ele não só manifesta ou oculta um desejo, o discurso tem poder, o qual nos apropriamos. O segundo princípio da exclusão que podemos destacar é o da separação e rejeição, onde Foucault nos apresenta o discurso do louco como nulo, pois a palavra do louco não era ouvida e quando ouvida, era escutada como uma palavra de verdade, uma verdade que as pessoas normais não conheciam:

[...] a palavra do louco [...] se era ouvida, era escutada como uma palavra de verdade. Ou caía no nada – rejeitada tão logo proferida; ou então nela se decifrava uma razão mais razoável do que a das pessoas razoáveis [...] De qualquer modo, excluída ou secretamente investida pela razão, no sentido restrito, ela não existia. (FOUCAULT, 2006, p.11)

O terceiro e último princípio de exclusão que será apresentada é o da vontade de verdade que reforça discurso através de mecanismos institucionais como sistemas de livros, de edição, das bibliotecas, etc. Vejamos:

Enfim, creio que essa vontade de verdade assim apoiada sobre o suporte e uma distribuição institucional tende a exercer sobre os outros discursos [...] uma espécie de pressão e como que um poder de coerção. Penso na maneira como a literatura ocidental deve de buscar apoio, durante séculos, no natural, no verossímil, na sinceridade, na ciência também – em suma, no discurso verdadeiro. (FOUCAULT, 2006, P. 18)

Pensando a literatura como uma busca do verossímil e do discurso verdadeiro, faremos uma breve explanação acerca da literatura infantil no Brasil.

A literatura infantil no Brasil começa a se desenvolver no início no século XX logo após a mudança do regime monárquico para o republicano, juntamente com a crescente urbanização e com o aparecimento e implantação da imprensa editorial de livros, como veremos mais à frente. Mas, a primeira obra intencionalmente escrita e editada para as crianças no Brasil foi publicada em 1894, com o título de “*Contos da Carochinha*”, de Artur de Azevedo, e, por essa época, também começaram a ser publicadas traduções e adaptações de livros de autores estrangeiros destinados às crianças, todas com função didática. Mas, é só no início de 1920, com a publicação de “*Narizinho Arrebitado*”, de Monteiro Lobato, que consideraram como o marco inicial da constituição de uma literatura infantil brasileira, de fato. Assim, numa época em que os livros brasileiros eram editados em Paris ou Lisboa, Monteiro Lobato começa a se destacar, não só pelas suas obras, mas como editor, passando a

editar livros no Brasil, implantando com isso, uma série de renovações nos livros didáticos e infantis. Pode-se dizer, dessa forma, que ele foi o precursor da literatura infantil brasileira.

Considerando que a intenção desta pesquisa é fazer uma análise dos discursos e argumentos utilizados pelos intelectuais na composição de uma nova roupagem para o Brasil, onde o embranquecimento da população é ponto chave, para se discutir a construção da identidade nacional, vejamos alguns contos que são característicos desses argumentos.

Uma das maneiras utilizadas para negação da cor negra na chegada da República no Brasil – como já foi mencionado - foi a publicação em 1912 do livro “*Contos Para Crianças*” de Madame Chrysanthème, que narrava a história de uma princesa, “*A Princesa Negrina*”, formando uma grande mistura de outros contos como: “*A Bela Adormecida*”, “*A Bela e a Fera*” e “*Branca de Neve*”, juntamente com narrativas bíblicas existentes. Nela, um rei e uma rainha lamentam a falta de herdeiros e fazem um pedido à fada madrinha: "Como desejaríamos ter uma filha, mesmo que fosse escura como a noite que reina lá fora!" O pedido continha uma metáfora, mas foi atendido de forma literal, pois nasceu uma criança "preta como o carvão". A história continua sendo contada nos mostrando como a figura daquele "bebê escuro" teria causado "comoção" em todo o reino e obrigado a fada madrinha alterar o pedido realizado, porém, não podendo alterar a sua ação, só havia uma solução: a princesinha "teria a cor que seus pais tanto desejavam", contanto que permanecesse no castelo até o aniversário de 16 anos. Contudo, se a ela desobedecesse à ordem da fada, seu futuro seria não só "negro na cor, como escuro no destino". Assim, Rosa Negra cresceu e foi tentada pela serpente – o que nos faz lembrar da tentação descrita na Bíblia – que a fez sair do castelo. Desta forma, Rosa Negra foge, e se sente obrigada a casar com o feio Urubucarú, “tentando salvar-se do desamparo”. Após a cerimônia de casamento seu desejo de tornar-se branca, e de seu esposo tornar-se um lindo e loiro príncipe, são inesperadamente atendido. Final da história: "belo e branco", o casal conheceu para sempre "a real felicidade".

Assim como nesse conto, existiam outros que tinham como objetivo narrar histórias de pessoas negras que conseguiram tornar-se branca por meio de alguma obediência ou bondade realizada. Logo, a imagem do negro que nos é apresentada é a de uma personagem que para conseguir se inserir em meio à sociedade precisava ter a cor da pele branca, o que acaba por reafirmá-la como algo almejado por todos, fazendo com que a idéia de branqueamento se desenvolva através de discursos que se apropriavam de um inocente conto infantil, incutindo muitas vezes, no imaginário da criança a ideologia dos adultos que formavam a elite brasileira no início do século XX. No final do século XIX, a mestiçagem existente no Brasil parecia atestar a “falência da nação”, podemos perceber essa questão quando nos deparamos com as

produções literárias da época, como a de Euclides da Cunha que em sua obra “*Os Sertões*”, afirma “*a mestiçagem extremada um retrocesso*”. Mas no geral, acreditava-se numa harmoniosa convivência entre os grupos, criando o mito, onde o mestiço transformou-se em ícone nacional, Lilia Schwarcz (1998) “*Na representação vitoriosa dos anos 30, o mestiço transformou-se em ícone nacional, em um símbolo de nossa identidade cruzada no sangue, sincrética na cultura, isto é, no samba, na capoeira, no candomblé e no futebol*”. Porém, acreditar nesse mito, nesse ícone nacional é também acreditar na idéia de “democracia racial” expressada por Gilberto Freyre (1930). Dessa forma, sabemos que a miscigenação era no máximo uma aposta no branqueamento, uma possível solução diante da negação da cor negra na população do Brasil Republicano. Verificamos ainda, que após os anos 30 a cultura mestiça começa a ser apropriada como representação oficial da nação, fazendo parte do movimento nacionalista brasileiro que necessitava criar símbolos nacionais fazendo surgir diversas instituições culturais que tinham como objetivo “resgatar” ou recriar costumes e festas, como também a própria história nacional, que segundo Schwarcz (1998) o “*mestiço vira nacional*”, ao lado de um processo de desafricanização de vários elementos culturais, simbolicamente clareados. E era nessa cultura popular clareada/mestiça que estava presente e selecionado os ícones nacionais representados na feijoada que começa a ser reconhecida como um prato tradicional da culinária brasileira, no samba que sai da marginalidade e ganha as ruas, na capoeira – antes proibida - agora oficializada como modalidade esportiva nacional e até mesmo no futebol que era associado a negros mesmo sendo de origem inglesa - entre tantas outras representações. Porém, antes de qualquer apropriação da cultura mestiça, antes de tentar definir a nacionalidade a partir do reconhecimento dessa mestiçagem, precisamos, como já foi mencionado, procurar entender os discursos vigentes da época. E é em meio a essa questão, que será analisado o conto “Negrinha”.

Sabendo que mais da metade das obras de Monteiro Lobato foram escritas para o público infanto-juvenil com a intenção de ajudar na formação intelectual e moral desse público, podemos então, imaginar que várias gerações de brasileiros se desenvolveram sob a influência de suas obras, de seu pensamento e do seu discurso. E é tentando entender esse pensamento e esse discurso Lobatiano que se busca uma melhor compreensão para o conto “Negrinha”, contido no livro de mesmo nome, livro de contos que foi publicado em 1920, onde a primeira edição se constituía apenas com 6 (seis) contos: *Negrinha - Fitas da Vida - O drama da geada - O Bugio moqueado - O jardineiro Timóteo e O colocador de pronomes*. Posteriormente, na segunda edição, foram acrescentados mais 16 (dezesesseis) contos: *O fisco - Os negros - Barba Azul - Uma história de mil anos - Os pequeninos - A fachada imortal - A*

policitemia de Dona Lindoca - Duas cavalgadas - O bom marido - Marabá - Fatia de vida - A morte do Camicego - Quero ajudar o Brasil - Sete grande - Dona Expedita - Herdeiro de si mesmo, formando hoje um conjunto de 22 narrativas que despertam o interesse do leitor pelo texto, seja esse triste ou alegre.

Podemos afirmar que no Brasil houve uma necessidade de leituras destinadas às crianças, uma preocupação que emerge a partir da proclamação da República, que inicia um grande desenvolvimento na instrução pública, criando escolas primárias e se preocupando com a formação de professores, com a utilização de livro-texto na atividade didática, juntamente, com textos da literatura infantil, que possibilitaram condições para o surgimento de uma “literatura escolar” constituída de livros traduzidos e/ou produzidos por brasileiros dedicados à infância, no entanto, para o uso exclusivo e fortemente ligado à escola, com finalidade de estimular a imaginação da criança, como também ensinar valores morais e sociais - algo bem comum na Europa - deixando transparecer como o adulto quer que as crianças vejam o mundo:

As primeiras obras de literatura infantil européia apareceram na primeira metade do século XVIII, que foi assinalado pela industrialização e pelo surgimento de novas concepções de família, criança e escola. Com isso, surgem livros que deixam transparecer como o adulto quer que as crianças vejam o mundo (...) (LAJOLO e ZILBERMAN, 1999, p.19)

De acordo com Arroyo, é dessa “literatura escolar” e querendo que as crianças vejam o mundo a partir do olhar de um adulto, que se originou a literatura infantil brasileira, a qual se desenvolveu e se consolidou a partir da produção de Monteiro Lobato, nos anos de 1920. Assim, acredita-se que os melhores contos desse autor estão escritos no livro “*Negrinha*”, pois são textos mais emotivos, com personagens muitas vezes carregados de ingenuidade e de pureza, que é o que acontece no conto de mesmo nome - “*Negrinha*”:

Negrinha era uma pobre órfã de sete anos. Preta?? Não. Fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados. Nasceria na senzala, de mãe escrava, e seus primeiros anos de vida, vivera-os pelos cantos escuros da cozinha, sobre farrapos de esteira e panos imundos. Sempre escondida, que a patroa não gostava de crianças (LOBATO, 1920, p.1).

Diante de seus trechos, percebemos todo tipo de humilhação e violência sofrida pela criança, que tem como patroa uma viúva, que para sua infelicidade, nunca teve filhos e detestava choro de criança. Sua patroa/dona se chamava D. Inácia “dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral”, dizia o padre. Quando Negrinha chorava, uma voz saía la de dentro e ecoava por todo o canto da casa “Quem é a peste que está chorando aí?” Não importava o motivo do choro, sempre era abafado para não incomodar a dona da casa:

Assim cresceu Negrinha — magra, atrofiada, com olhos eternamente assustados. Órfã aos quatro anos, ficou por ali, feita gato sem dono, levada a pontapés. Não compreendia a idéia dos grandes. Batiam-lhe sempre, por ação ou omissão. A mesma coisa, o mesmo ato, a mesma palavra provocava ora risadas, ora castigos (LOBATO, 1920, p.1).

Negrinha não tinha um nome, tinha apelidos e todos com significados desagradáveis, com termos pejorativos:

Pestinha, diabo, coruja, barata descascada, bruxa, pata choca, pinto gorado, mosca morta, sujeira, bisca, trapo, cachorrinha, coisa ruim, lixo — não tinha conta o número de apelidos com que a mimoseavam. Tempo houve em que foi — bubônica. A epidemia andava à berra, como novidade, e Negrinha viu-se logo apelidada assim — por sinal, achou linda a palavra (LOBATO, 1920, p.2).

Por meio desses atributos negativos referidos a Negrinha, percebemos o preconceito e a discriminação racial que ela sofre o que acaba atrapalhando e dificultando a construção da sua identidade, pois ela poderia assumir esse discurso como verdadeiro e determiná-lo como próprio de sua raça, já que ela não tinha pessoas negras como referência (sua mãe já havia morrido). Aqui, temos uma criança totalmente ingênua e desprotegida, que não tinha família, pois era propriedade de D. Inácia que só a queria para judiar. Ela também não tinha uma cor definida, pois é apresentada como uma mulatinha escura, ou seja, uma negra embranquecida nos dando a idéia de branqueamento. A criança era tratada de forma desumana como um animalzinho de estimação “feita gato sem dono, levada a pontapés” que ficava quietinha num cantinho do chão da cozinha, dormindo em cima de farrapos de panos só esperando a hora do carinho ou maus tratos da dona.

O miserável mundo da Negrinha entra em confronto com o maravilhoso mundo das sobrinhas de D. Inácia, quando estas vêm passar as férias com sua tia:

Certo dezembro vieram passar as férias com “Santa” Inácia duas sobrinhas suas, pequenotas, lindas meninas louras, ricas, nascidas e criadas em ninho de plumas. Negrinha, do seu canto, na sala do trono, viu-as irromperem pela casa adentro como dois anjos do céu, alegres, pulando e rindo numa vivacidade de cachorrinhos novos (LOBATO, 1920, p.4).

Ao ler esse trecho, o leitor consegue observar a incrível diferença entre o mundo e a vida de Negrinha com o das sobrinhas de sua patroa. A imagem das duas crianças brancas e alegres entra em contraste com a imagem da criança negra e triste que nunca soube o que era ser uma criança e o que era brincar. Assim, Negrinha se encanta com as novidades em seu pequeno mundo: as meninas loiras e seus brinquedos. Rapidamente é lembrada por D. Inácia da sua condição:

No enlevo da doce ilusão, Negrinha levantou-se e veio para a festa infantil, fascinada pela alegria dos anjos. Mas logo a dura lição da desigualdade humana chicoteou sua alma. Beliscão no umbigo e nos ouvidos o som cruel de todos os dias:

-- Já,
para o seu lugar, pestinha!! Não se enxerga?? Com lágrimas dolorosas,
menos de dor física que de angústia moral — sofrimento novo que se vinha
somar aos já conhecidos, a triste criança encorajou-se no cantinho de
sempre (LOBATO, 1920, p.4).

Após esse incidente, uma das sobrinhas de D. Inácia ficou curiosa e queria saber quem era aquele pequeno ser que não poderia brincar com ela, logo, a sua tia foi explicando que era uma de suas caridades, como se fosse um “peso” ter que cuidar da órfã. Em seguida, as meninas foram brincar fora da casa com seus brinquedos, o que acabou por causar sentimentos antagônicos na Negrinha. Ela sentia tristeza porque nunca havia brincado e surpresa porque nunca havia visto tantos brinquedos em sua vida, principalmente uma boneca que falasse *“Era de êxtase, o olhar de Negrinha. Nunca vira uma boneca”*. A pequena ficou tão hipnotizada com a *“criança artificial”* que não notou a chegada da sua dona:

Tamanho foi o enlevo que não viu chegar a patroa, já de volta. D. Inácia
entreprou, feroz, e esteve uns instantes assim, imóvel, presenciando a cena.
Mas era tal a alegria das sobrinhas ante a surpresa estática de Negrinha, e
tão grande a força irradiante da felicidade desta, que o seu duro coração
afinal bambeou. E pela primeira vez na vida soube ser mulher. Apiedou-se
(LOBATO, 1920, p.5)

Pela primeira vez em sua pequena vida, a Negrinha pode ser criança e agir como tal *“Varia a pele, a condição, mas a alma da criança é a mesma — na princesinha e na mendiga [...] Negrinha, coisa humana, percebeu nesse dia da boneca que tinha alma”* (LOBATO, 1920, p.6). O período de férias das sobrinhas de D. Inácia terminou e elas partiram levando consigo a boneca e todos os seus brinquedos, conseqüentemente, a casa da sua tia voltou a ser o que era, mas Negrinha sentia-se outra, inteiramente transformada, tomando consciência da sua identidade enquanto criança negra, pobre e órfã, totalmente diferente das crianças que conhecera. A partir desse momento, ela entra em depressão vindo, pois, a falecer.

Diante do exposto podemos perceber que Monteiro Lobato, através de seus livros, do seu discurso e, principalmente, de seus contos infantis, como o da “Negrinha” analisado no artigo, conseguiu incutir no imaginário infantil a ideologia dos adultos que formavam a elite brasileira no início do século XX, buscando, nesse sentido ratificar a construção de uma identidade para o Brasil, pois a idéia de nação supunha cidadãos livres evidentemente brancos.

REFERÊNCIAS:

ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

CHRYSANTHÈME. “A princesa Negrinha”. In: **Contos para crianças**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1912

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história & histórias**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999. (Série Fundamentos).

LOBATO, Monteiro. **Negrinha**. São Paulo: Brasiliense, 1959.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade. IN: NOVAIS, Fernando A. **História da vida privada: contrastes da intimidade contemporânea**. – São Paulo: Companhia das Letras, 1998. – (História da vida privada no Brasil; 4)